

1

Viviam numa pobre e velha aldeia que já não existe, chamada Nöda, que ficava na freguesia de Diseberga, que tinha frequentes neblinas. Eram eles Alberto, o soprador de vidro, e a sua mulher. Ele nascera naquela região, mas a mulher, vinda do Norte, chamava-se Sofia, e era linda como uma rosa.

Chamaram aos filhos Klas e Klara. Foi Alberto a dar-lhes os nomes, queria que lembrassem a sua profissão. Klas rimava com *glas*, que queria dizer vidro na sua língua, e Klara também evocava o vidro.

Alberto era bastante pobre, mas era dono da casinha onde viviam, assim como da oficina de vidro. Era uma casinha minúscula. Lá dentro, um sofá e um velho relógio ocupavam uma das paredes laterais. Do outro lado, estavam a cómoda com cama de gaveta e o armário e junto à janela, a mesa. Alberto e Sofia dormiam no sofá, e as crianças nos gavetões da cómoda.

O fogão era enorme, ocupando grande parte do quarto. Era aí que estava a roca de fiar de Sofia. Por cima desta, pendia um berço, preso ao tecto por dois ganchos de

ferro. Aí haviam dormido as crianças recém-nascidas, mas agora Sofia escondia lá as suas coisas.

Ao lado do fogão ficava a porta para o quarto, onde havia um baú para roupas e uma cadeira. E era tudo.

A oficina também não era maior, mas tanto Alberto como o seu ajudante cabiam lá à vontade, assim como Klas e Klara quando lá iam assistir ao trabalho, e isso era o mais importante.

O vidro que lá se soprava era do mais fino que havia. Alberto era um mestre do vidro, mas para vender, não tinha jeito nenhum. Ia até ao mercado no Outono e na Primavera, mas vendia pouca coisa. Era o suficiente para sobreviverem, mas não passava disso.

No Outono, Sofia ia maçar linho nas quintas dos agricultores. Levava as crianças, e comiam lá os três. E Sofia recebia uma meada de linho e um pão por dia em paga, de modo que nessas alturas viviam com desafogo.

Klas era a mais nova das duas crianças, com um ano apenas. Ainda não sabia andar, mas ficava horas sentado a ver o pai a soprar o vidro. Com a mesma facilidade que uma criança sopra bolinhas de sabão, Alberto fazia cálices reluzentes e taças cintilantes. E estes não arrebentavam como as bolhas, permaneciam, alinhados em longas filas nas prateleiras, a brilhar. Parecia milagre.

Klas ficava sentado no seu cantinho no chão, de respiração suspensa, vendo sair como por magia uma redoma cintilante após outra do comprido tubo de sopragem de Alberto. Parecia-lhe que cresciam e flutuavam suspensas por cima da sua cabeça. Ficava com uma expressão absorta nos olhos, como se estivesse a ver algo muito, muito distante. O que é que ele via? Em que estaria a pensar? Seria talvez no céu ou no mar? Ele não sabia, era demasiado pequeno para o exprimir. Mas Alberto sorria



e sabia, pois passava-se o mesmo com ele. Era a beleza, o que eles viam.

Klara era um pouco mais velha. Também gostava de estar na oficina de vidro, mas não ficava sentada em sossego. Acontecia cair uma ou outra peça de vidro ao chão enquanto ela lá estava, partindo-se em mil bocados com um estrondo. Mas ela não se importava, dançava porta fora e corria para casa. Em casa estavam as meadas de linho, e para Klara não havia nada mais maravilhoso.

Mas Klas comportava-se de modo estranho cada vez que se partia uma peça de vidro. Primeiro exultava com o tilintar, depois ficava com uma expressão apavorada e

começava a chorar ao ver os cacos no chão. Ficava inconsolável, e tinham que o levar de lá para fora. Alberto por vezes ficava bastante aborrecido mas pensava que provavelmente Klas, com o tempo, se habituaria ao facto de o vidro se poder partir. Mas Klas não se habituava. Antes pelo contrário, cada vez chorava mais, e Alberto por fim quase já não se atrevia a tê-lo na oficina.

Era estranha esta reacção de Klas, mas ninguém ligou muito, pois tinham outras coisas em que pensar.

Alberto, esse só pensava no vidro. Apenas no vidro. Vidro de todas as formas. Vidro de todos os géneros. Vidro cintilante, vidro reluzente, espelhado, tilintante, cantante... vidro. Sempre VIDRO.

Sofia achava até que Alberto pensava demasiado em vidro. Achava que ele gostava mais do vidro do que dela própria. Acontecia o Sol nascer e pôr-se, e a Lua igualmente, com Alberto na oficina a soprar o vidro. Ela ficava à janela de olhar fixo, à espera. Sim, aconteceu muitas vezes...

Mas Klara estava sempre contente. Como poderia não estar, ela que era a Klara, que tinha uma meada de linho para entrançar e pentear, e um caco a fazer de espelho? Isto era mais do que suficiente para ela.

De modo que a pequena singularidade de Klas ficou com ele. Ninguém percebeu que ele simplesmente presentia que o mais belo é também necessariamente o mais frágil. E que isto é assustador e incompreensível quando se é pequeno e nada se sabe da natureza do vidro. É triste que o que há de mais belo se quebre com tanta facilidade!

Mas nisto ninguém pensava. E muito menos a Sofia, que começara a nutrir pensamentos sombrios. O desânimo e o descontentamento cresciam dentro dela. E uma

noite quando Alberto voltou da oficina, encontrou-a a chorar junto à janela. Estava sentada no escuro, não havia acendido a luz. A lua iluminava-a tenuemente, as lágrimas cintilavam no peitoril da janela. Ela não ergueu o olhar.

— O que é que se passa! Estás aqui sentada a chorar?
— exclamou Alberto consternado.

Ela respondeu aos soluços:

— Sinto-me tão sozinha, tu nunca estás em casa.

Então Alberto explicou que estava a trabalhar numa taça extraordinária. Ela só precisava de ter um pouco mais de paciência, que ele depois ficaria certamente em casa mais tempo.

Mas Sofia suspirou. Ela sabia muito bem, o que se iria passar, dizia ela. Depois de acabar a taça maravilhosa, Alberto havia de se lembrar de outra ainda mais maravilhosa. Ela agora conhecia-o. Ele nunca havia de conseguir fazer uma taça que achasse suficientemente bela, nunca teria tempo para ela...

Alberto não sabia o que responder. Ficou indeciso, compreendia seguramente que havia alguma verdade nas palavras de Sofia.

— Mas tu tens as crianças, disse ele por fim. Não estás sozinha.

Alberto não devia ter dito isto. Assim Sofia não teria sido tentada a responder como fez.

— As crianças — disse com raiva — que espécie de companhia pensas tu que elas são? Dão mais trabalho do que outra coisa...

Ela não sentia de modo nenhum o que acabara de dizer — nenhuma mãe sente isto — e arrependeu-se de imediato. Ela que tinha tanto orgulho nos seus filhos e estava tão feliz com eles! Apenas o dissera porque os